

OSCAR WILDE

BALLADA DO ENFORCADO

TRADUÇÃO DE ELYSIO DE CARVALHO

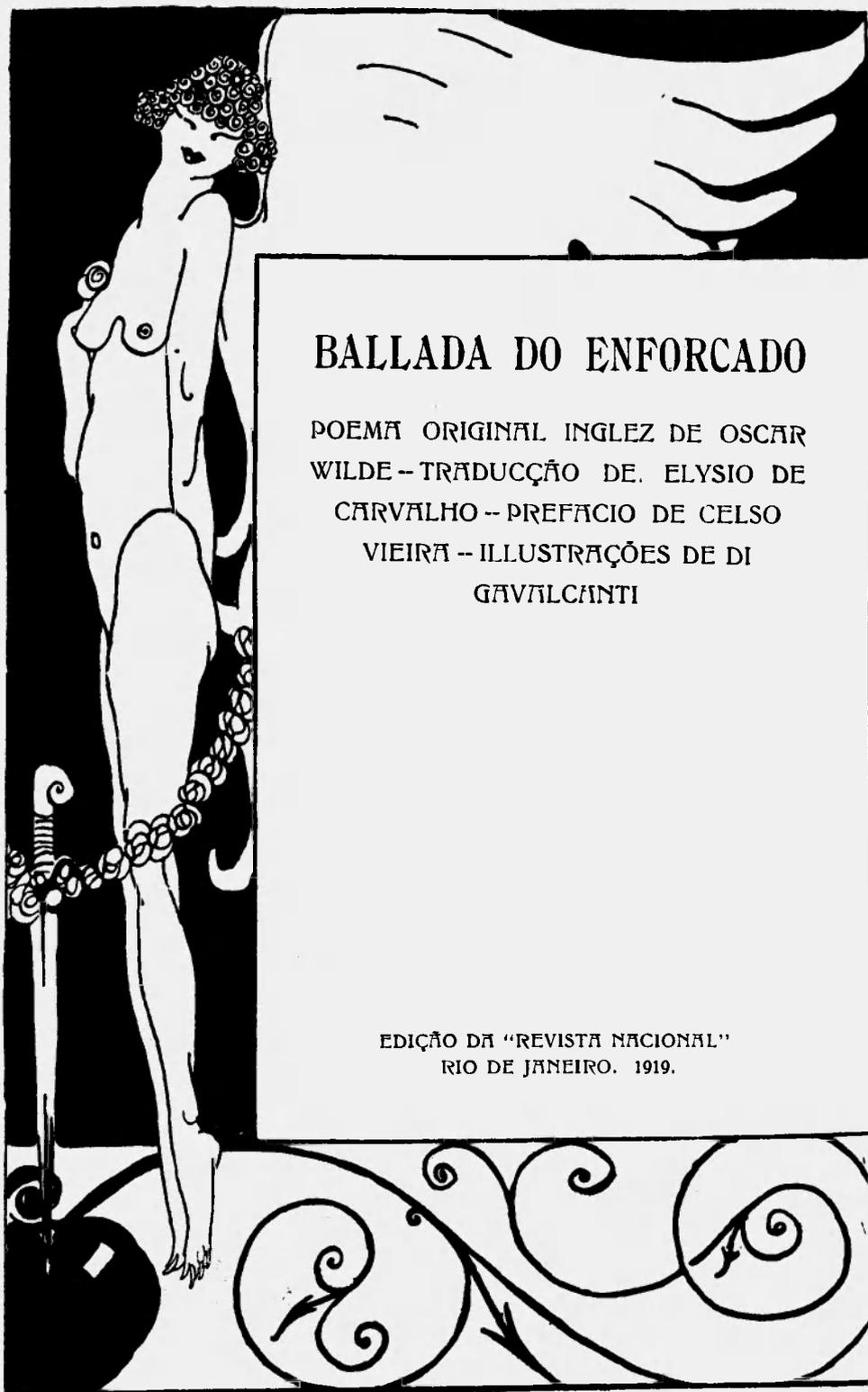
PREFACIO DE CELSO VIEIRA

ILLUSTRAÇÕES DE DI CAVALCANTI



RIO DE JANEIRO
Edição da REVISTA NACIONAL
1919

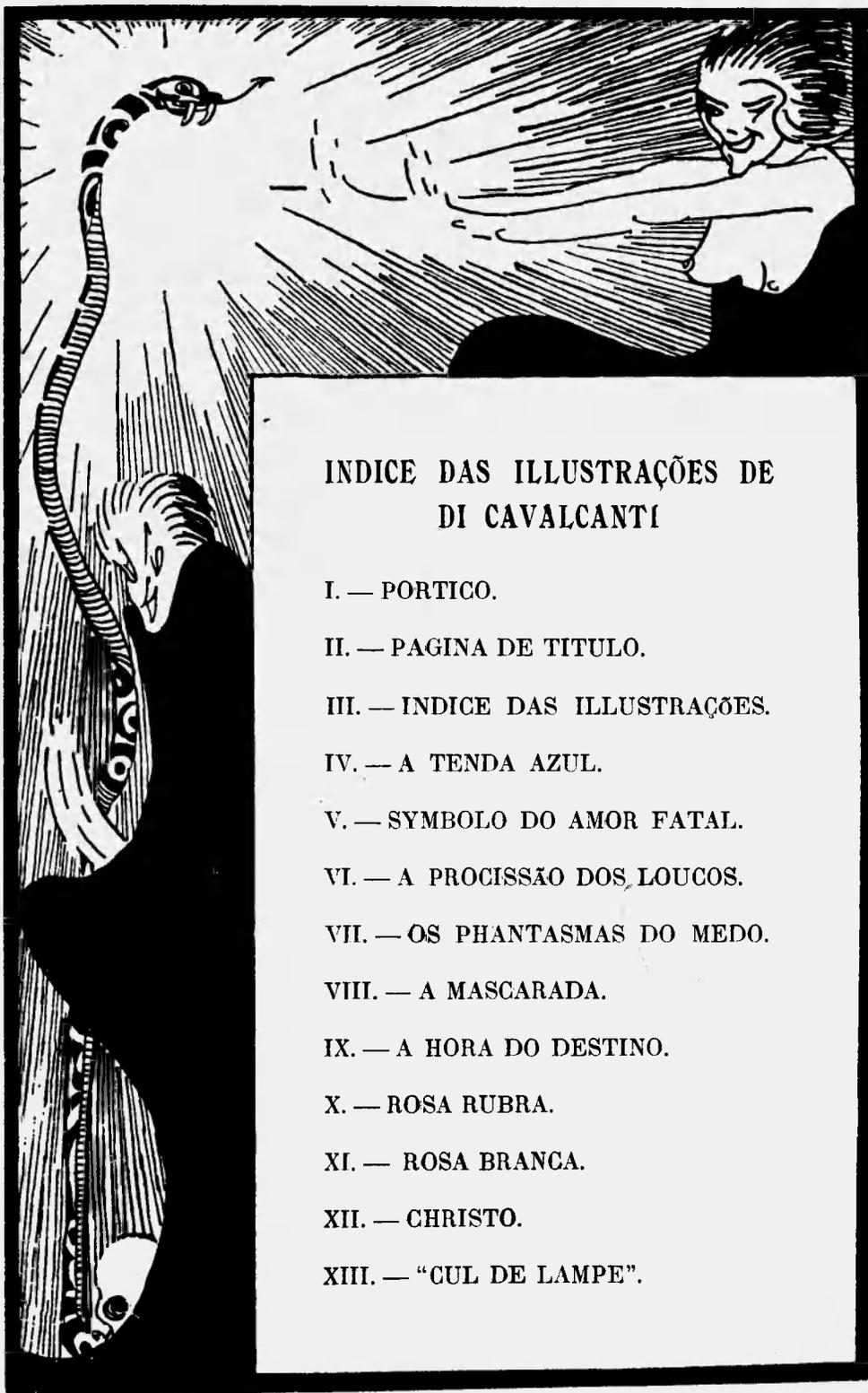




BALLADA DO ENFORCADO

POEMA ORIGINAL INGLEZ DE OSCAR
WILDE -- TRADUCCÃO DE ELYSIO DE
CARVALHO -- PREFACIO DE CELSO
VIEIRA -- ILLUSTRACOES DE DI
GAVALCANTI

EDIÇÃO DA "REVISTA NACIONAL"
RIO DE JANEIRO. 1919.



INDICE DAS ILLUSTRAÇÕES DE
DI CAVALCANTI

I. — PORTICO.

II. — PAGINA DE TITULO.

III. — INDICE DAS ILLUSTRAÇÕES.

IV. — A TENDA AZUL.

V. — SYMBOLO DO AMOR FATAL.

VI. — A PROCISSÃO DOS LOUCOS.

VII. — OS PHANTASMAS DO MEDO.

VIII. — A MASCARADA.

IX. — A HORA DO DESTINO.

X. — ROSA RUBRA.

XI. — ROSA BRANCA.

XII. — CHRISTO.

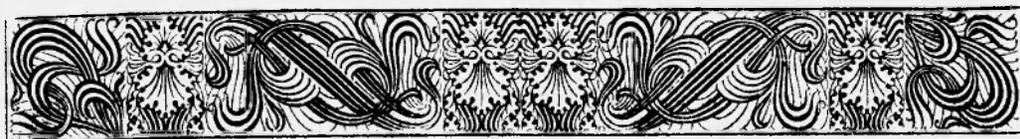
XIII. — "CUL DE LAMPE".

A
CARLOS MALHEIRO DIAS
CELSO VIEIRA
E
AZEVEDO AMARAL

Como recordação da noite de 27 de fevereiro de 1919.

E. DE C.

PREFACIO



Depois de refulgir para as letras, para as modas e para os salões, irrivalisavel junto ás mulheres e sobreerguido aos homens, attrahindo por um lado a gloria, accendendo por outro a inveja, o poeta inglez Oscar Wilde conheceu as agruras e o opprobrio do carcere de Reading, sentenciado como foi pela moral publica de Londres, judicialmente, em 27 de maio de 1895, a dous annos de trabalhos forçados, "hard labour".

Quando intentara processo por crime de calumnia, dous mezes antes, contra o marquez de Queensbury (processo de que lhe adveiu o encarce-

ramento, ou melhor, o aniquilamento); era ainda o Oscar Wilde paradoxal, imprevisto, rutilante, “principe da linguagem”, idolo do mundanismo, cujo nome synthetisava os ruidosissimos triumphos litterarios das duzentas conferencias de Nova York, de Boston, de Chicago, d “O retrato de Dorian Gray”, no romance, das “Intenções”, na esthetica, de “Salomé”, no theatro. Um anno depois, tanto lhe abatera o corpo e lhe ennevoara a alma o soffrimento, exasperado pela sensibilidade incomparavel do artista, redobrado pela consciencia da sua miseria, da sua degradação, do seu horroroso eclipse moral, que elle confessava a um amigo desses terriveis dias, Roberto Rossi: “parece-me haver morrido para todas as emoções, excepto a angustia e o desespero”.

Esse desespero e essa tortura levariam o poeta, no ergastulo, ao recolhimento, á contrição, á penitencia,

á humildade, ás lagrimas que orvalham o desabrochar do seu mysticismo em “De Profundis”, unico trabalho intellectual composto, nesses dous annos de trabalhos forçados, pelo cavouqueiro illustre, sob a experiencia mais dolorosa e mais aviltante—um regimen presidiario, mortificador para o arbitro das elegancias de Hyde-Park. Da singularidade esthetica de Oscar Wilde (tão profunda é a natureza humana e tão reveladora de abysmos a solidão expiatoria) brotava a idealidade christã no descortino de outros jardins espirituaes e de outra belleza artistica, remontando aos Evangelhos, reflorescendo com os marmores da cathedral de Chartres, a pintura do excelso Giotto, a “Divina Comedia”. Entre os phantasmas e os pesadellos do seu destino, o prisioneiro de Reading via luzir no christianismo a possibilidade redemptora de uma vida nova.

Se o captiveiro, em dous annos, lhe extinguiu todo o brilho e todo o contentamento de viver, inexoravel como a justiça foi para elle a propria liberdade, erradia sombra do exilio e nuncia fatidica da morte. Assim, dos meados de 1897 aos fins de 1900, andou Oscar Wilde por terras de Italia e por terras de França, obscurecido, funebre, solitario — um vago espectro circulando através de Napoles, Roma, Paris, com o vago nome de “Sebastião Melmoth”. E afinal morreu, quasi anonymamente, em 30 de novembro de 1900, num hotel insignificante da rua des Beaux-Arts, na capital de França.

Mas não sahiu deste caliginoso mundo, em cujos horisontes nunca mais despontou o sol ephemero da alegria para os seus olhos tristes, sem que essa tristeza carceraria, feita de amargor e desesperança, peccado e arrependimento, evidenciasse na minia-

tura de uma obra prima, — a “Ballada da Prisão de Reading” — o dolorido fructo imperecível. Todos os cravos artificialmente verdes da litteratura entre classica e paradoxal de Oscar Wilde poderão emmurcheçar na sua estufa, mesmo “Salomé”, inaudita, mesmo “Dorian Gray”, inverosimil. A rosa branca e a rosa vermelha da “Ballada da Prisão de Reading”, porém, as duas rosas abertas sob a fatalidade eterna do amor e do crime, hão de conservar pelo tempo adiante, como os exemplares mais duraveis da flora litteraria de Carlos Dickens, Edgar Poë e Dostoiewsky, a vitalidade com que se ostentam no curso das estações ou dos seculos as maravilhas naturaes ou geniaes.

Em 1899, seduzido pela extranha belleza do poema, fez-lhe uma traducção eloquente, mas livre e portanto infiel, o meu amigo Elysio de Carvalho, um escriptor cuja victoria, annos depois, seria consa-

grada por louvores de Graça Aranha e José Verissimo, Araripe Junior e Souza Bandeira, Ruben Dario e Guglielmo Ferrero. Quasi dous decennios passaram; esse culto á obra do poeta inglez não esmoreceu, como lampada sem oleo ao pé de um idolo gentil, mas desadorado; antes se reavivou, e a nova traducção que hoje apparece, verdadeiramente nova sob todos os aspectos, com o velho titulo "Ballada do Enforcado", é muito mais cuidadosa, polida e exacta. Pouco menos que litteral, tem quasi a virtude, a energia, o sabor e o rythmo da traducção impecavel de Henry Davray. E ainda uma vez patenteia aos nossos metrificadores ingenuos, reflectindo, aliás, a tendencia das modernas litteraturas européas, certa realidade inquestionavel: os poemas estrangeiros apenas são traduziveis honestamente em prosa. Até mesmo quando um sacerdote magno da poesia, Leconte de Lisle, se avizinha

de um semi-deus, Homero, é para lhe verter nesse genero de escripta corrente a “Iliada” e a “Odysséa”.

Afóra as qualidades proprias do original e da traducção, revela-nos, emfim, este opusculo, nos desenhos de que vem ornado, tão subtis alguns, tão evocativos outros, a flamma e o vigor de um artista que, por muito joven, ainda muito dará, evoluendo, como impressionismo e plastica, ideação e factura. Na sua arte precoce algo surprehendemos da ousadia, do requinte, da imaginativa de Aubrey Beardsley, o illustrador de “Salomé” e da “Morte d’Arthur”, ao mesmo tempo macabro e phantasioso, ornamental e expressivo, levando sem esforço o desenho contemporaneo, traço por traço, até á nevoa diffusa ou á graça illuminante dos symbolos musicaes e litterarios.

Rio, 25 de fevereiro de 1919.

Celso Vieira.

BALLADA DO ENFORCADO

IN MEMORIAM

C. T. W.

EX-SOLDADO DA CAVALLARIA DA GUARDA REAL,

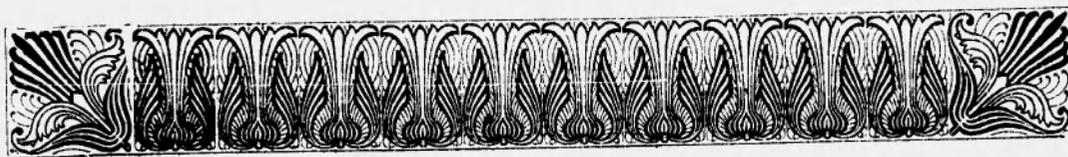
EXECUTADO

NA REAL PRISÃO DE READING,

EM BERKSHIRE,

A 7 DE JULHO DE 1896.

O. W.



I

Elle não trajava mais o seu uniforme vermelho, porque o sangue e o vinho também são vermelhos. E sangue e vinho lhe tingiam as mãos, quando o encontraram junto da morta, a pobre mulher morta, sua amante, que elle assassinara no proprio leito.

Com a sua roupa cinzenta e esgarçada caminhava entre os condemnados. Tinha á cabeça um gorro de jogar "cricket", e o seu andar parecia ligeiro e satisfeito. Mas nunca vi alguém olhar tão intensamente a luz do dia .

Nunca vi um homem com tão intenso olhar, fitando assim a pequena tenda azul, que os prisioneiros chamam céu, e cada nuvem fluctuante que além vogava, desfaldadas as velas de prata.

Eu o via do pateo contiguo, onde me achava com outros desventurados. Estava a imaginar que falta, leve ou grave, seria a desse infeliz, quando uma voz, por traz de mim, segredou: “Aquelle vai ser enforcado”!,...

Que horror, santo Deus!... Os muros da prisão estremeceram de subito, a meus olhos, e o firmamento tornou-se qual igneo capacete de aço. E, comquanto minha alma estivesse immersa em profundo pezar, tal foi a minha angustia, que, naquelle instante, ella nada sentiu.

Comprehendi, então, que negro pensamento inexoravel o perseguia, apressando-lhe o passo, e por-



que era que elle contemplava com olhar tão intenso a fastidiosa claridade do dia: o desgraçado assassi-
nára a mulher amada, e, por isso, devia morrer
tambem!

Mas todos matam o que amam... Alguns (que
ninguem deixe de saber!...) o fazem com um
olhar de odio; outros, por meio de palavras carinho-
sas; o covarde, com beijos; o homem corajoso, em-
punhando uma arma...

Uns matam o amor, quando são moços; outros,
depois de velhos; varios o estrangulam com as mãos
do desejo; muitos, com as do ouro. Os melhores ser-
vem-se de punhal, pois os mortos esfriam depressa.

Ha quem ame muito, e ha quem ame pouco. Este
vende o amor, est'outro o compra. Aquelle, ao pra-
ticar o mal, derrama copioso pranto, aquell'outro o

faz, sem um suspiro de compaixão. E todos matam o que amam, e ninguém é por isso condenado a morrer!...

Quem assim procede, não morre de morte infamante, em dia de negra desventura; não tem o nó corredio em volta do pescoço; nem ao rosto a máscara; ainda menos sente, no patíbulo, o vacuo sob os pés.

Não permanece no meio de homens silenciosos, que o vigiam noite e dia; que o vigiam, quando tem vontade de chorar ou quando tenta rezar; que incessantemente o vigiam, temendo que elle roube ao cadafalso a sua presa.

Não desperta, pela madrugada, com o rumor que fazem, ao entrar no seu cubiculo, homens de sinistra catadura: o Capellão, de branco, todo tremulo; o

Sheriff, austero e cheio de compuncção; e o Governador do presidio, de preto e cerimonioso, com o livido semblante do Juizo Final.

Não se levanta ás pressas do seu grabato — pobre homem! — para tornar a vestir o uniforme dos galés, enquanto o medico, sem deixar de fital-o attentamente, annota cada um dos seus gestos e contracções nervosas, olhando de vez em vez para o relógio, cujos leves tic-tacs sôam como surdas pancadas de um martello horrivel.

Não soffre a angustiosissima sêde, que abrasa a garganta do condemnado, ao approximar-se a hora em que o carrasco, asperamente enluvado de couro, virá manietal-o com tres correias finas e longas para que elle nunca mais tenha sêde.

Não inclina a cabeça, para ouvir a litania do officio dos mortos. E, enquanto o terror da sua alma

lhe assegura que ainda vive, não cruza com o seu proprio esquife, ao entrar no horroroso local do supplicio.

Não volve ao céu o derradeiro olhar através da pequenina claraboia; não implora a Deus, com labios de argila, que a sua agonia finde; e não sente na face o gelido beijo de Caiphás.



II

Com a sua roupa cinzenta e esgarçada, caminhava entre os condenados. Tinha á cabeça um gorro de jogar “cricket”, e o seu andar parecia ligeiro e satisfeito. Mas nunca vi alguém olhar tão intensamente a luz do dia .

Nunca vi um homem, com tão intenso olhar, fitando assim a pequena tenda azul, que os prisioneiros chamam céu, e cada nuvem que errante passava, longe, arrastando a fulva cabelleira crinisparsa .

Elle não torcia as mãos, como fazem esses insensatos que ousam tentar reviver a esperança, no antro do negro desespero. Limitava-se a olhar para o sol e haurir o ar da manhã.

Não torcia as mãos; não chorava, nem mesmo se lamentava. Apenas bebia o ar, como se nelle encontrasse alguma virtude anodyna. Bebia o sol, a longos haustos, como se o sol fosse vinho.

Eu e os meus companheiros de infortunio, que passeavamos no páteo contiguo, chegávamos a olvidar nossas proprias miserias, e os crimes de que eramos culpados, observando com olhares de estúpido pasmo o homem que ia morrer.

Como era extranho vel-o passear, com um andar ligeiro e satisfeito! vel-o contemplar tão intensamente a luz do dia! e ao mesmo tempo dizer que elle tinha uma divida tamanha a pagar.



O carvalho e o olmo são arvores de ramagem delectosa, frondescendo ao contacto da primavera. E' horrivel, porém, ver a arvore do Cadafalso, com a raiz mordida pelas viboras más; verdejante ou re-seccada, nella um homem deve morrer, antes que ella dê o seu fructo.

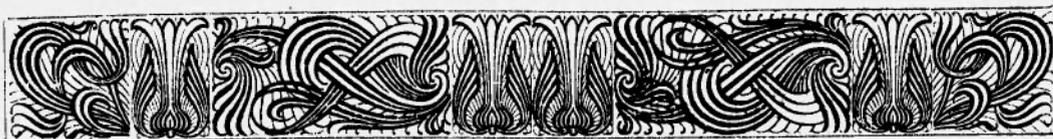
O mais alto logar é a séde da Graça Divina, para onde todos os esforços humanos convergem. Quem desejaria achar-se, entretanto, com a sua gravata de canhamo, no alto de um pelourinho, e através desse collar de assassino volver o derradeiro olhar ao firmamento ?

E' deliciosamente agradavel dansar ao som dos violinos, flautas e alaúdes, quando o amor e a vida nos são propicios... Mas não é suave dansar com agilidade no espaço.

Emquanto nos acudiam taes pensamentos, observavamos o misero, e faziamos extravagantes supposições. Quem nos diz que o nosso fim não será identico ao delle ? Ninguem sabe até que inferno de horrores su'alma ⁺ céga póde transviar-se...

O homem que ia morrer deixou finalmente de passear em companhia dos outros miseraveis...⁺ Disseram-nos que já estava no acanhado e lobrego cubiculo, para onde se transferem os condemnados á morte, antes do momento fatal... E eu soube que nunca mais tornaria a vel-o, neste doce mundo do Senhor!... Nunca mais!...

Como dous navios em perigo, que passam na tormenta, cruzámo-nos um dia na vida. Nenhum signal trocámos; nenhuma palavra dissemos. E não havia palavra a dizer, porque não nos tinhamos encontrado no seio da noite redemptora, mas num dia de opprobrio.



III

O páteo da antiga prisão por dividas tem as la-
geas carcomidas. Transudantes de humidade, po-
rejam os muros altissimos que o cercam. Era ahi, sob
o cálido céo, que elle arejava, e tinha sempre um
guarda em cada flanco, por lhe obstar o suicidio.

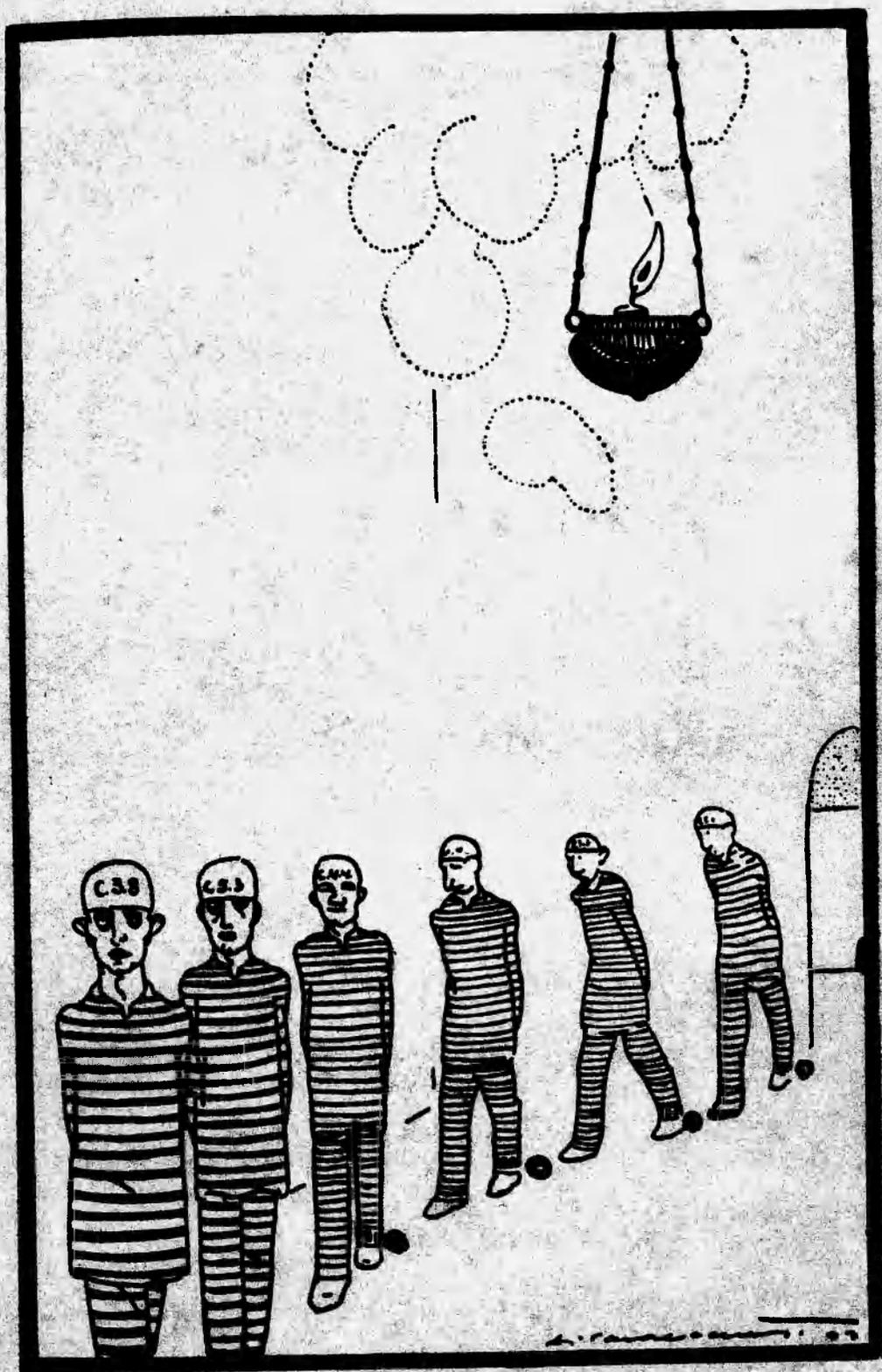
A's vezes, costumava sentar-se entre aquelles
que lhe vigiavam a agonia; que o vigiavam, quando
se levantava para chorar ou quando se ajoelhava
para resar; que o vigiavam a todo momento, re-
ceando que elle roubasse ao patibulo a sua presa.

Duas vezes por dia, fumava no seu cachimbo, ex-gottava um caneco de cerveja... Su'alma estava tão cheia de resolução e firmeza, que, em nenhum dos seus intimos recessos, abrigava o medo... Em certas ocasiões elle chegava mesmo a dizer que se sentia contente por ver proximas as mãos do carrasco.

O Governador citava os artigos do Regulamento: o Doutor dizia que a morte não era senão um facto scientifico, e duas vezes por dia vinha o Capellão, e deixava um pequeno livro.

As suas expressões eram singulares, mas os guardás não ousavam interrogal-o. Quem acceita por missão vigiar encarcerados, deve fechar a bocca a sete chaves, e afivelar ao rosto a mascara da impassibilidade.

Se assim não fizer, poderá commover-se, e a que viria nesse covil a piedade humana? Que palavra



de esperança poderia socorrer, nesse logar, a alma de um irmão ?

Realisámos a procissão dos loucos, rodeando o pateo, em marcha lenta e cadenciada... Não nos importava celebrar essa ridícula cerimonia tradicional, pois bem sabiamos que eramos a propria brigada do diabo, e que homens de cabeça raspada e pés acorrentados formam alegre mascarada.

Quebrando as unhas e ensanguentando os dedos, desfiavamos cordas alcatroadas; esfregavamos as portas das masmorras; limpavamos os tectos; areavamos os luzentes varões; e, por turmas, ensaboavamos os assoalhos, fazendo grande ruido com os baldes d'agua.

Tambem cosiamos saccos; quebravamos pedras; batiamos no chão com as gamellas onde comiamos;

desentoavamos os h́ymnos religiosos; e em fim suavamos, fazendo mover a roda do moinho... Alegrementee executavamos todos esses barbaros e pesados serviços, a que eramos coagidos, para adormecer o terror, tranquillamente, dentro do coração.

E conseguimos-o, por momentos. Tão calmo repousava elle, que os dias vogavam serenos, como uma balsa levada ao sabor da corrente... Estavamos como que olvidados do tenebroso destino que aguarda os reprobos, quando, de uma feita, ao regressar do fatigante trabalho, passámos junto a uma cova recém-aberta.

Com a guela hiante, voraz, a cova amarella bocejava, esperando o seu alimento. A propria lama exigia sangue ao asphalto corroido. E soubemos que, antes de loirejar entre nuvens a aurora, um de nós, pendente da forca, dansaria no espaço.

Hirtos e solemnes, entrámos, com a alma attenta á morte, ao espanto e ao destino. O carrasco passou, arrastando os pés, com o seu sacco de ferramentas... Cada preso tremia, ao entrar para o seu tumulo numerado.

Por toda aquella noite, os phantasmas do medo povoaram os corredores vasio... Na cidade de ferro, de cima a baixo, sentiam-se passos furtivos, que se não podiam ouvir... Pelas grades de ferro, que occultam as estrellas, rostos lividos pareciam espiar curiosamente.

Só elle repousava, tal quem adormecesse, deitado sobre a macia relva de um prado, e alegremente sonhasse. Os guardas velavam-lhe o somno, e não comprehendiam como é possivel dormir tão socegado, estando o carrasco tão perto.

Os que choram por quem jamais soube o que era chorar, esses não podem conciliar o somno... Por isso, nós outros, os desventurados, passámos em claro aquella noite de infindavel angustia... Cada qual soffria mais cruciantemente, ao recordar a dôr immensa que devia estar a tortural-o...

Ah! é horrivel padecer por outrem! O soffrimento retalha-nos a alma, cravando, até ao punho, a envenenada lamina do seu gladio. Foram, então, como chumbo derretido as nossas lagrimas, vertidas pelo sangue que não derramámos. ✕

Na sua ronda nocturna, calçados mollemente de feltro, espiavam os guardas para dentro das enxovias, pelos postigos gradeados... Com olhar de espanto e pavor, avistavam aquellas fórmis indecisas, genuflexas no chão... E interrogavam-se uns aos outros, como era que orávamos por quem jamais orára!...

Passámos toda a noite ajoelhados, em oração — dementes conduzindo o luto de um cadaver. As plumas agitadas pela noite, ondeando na sombra, eram como os pennachos de um carro funebre. E o sabor do remorso era tal o de um vinho acerrimo, dado a beber por uma esponja.

Ouviu-se o canto dos gallos, purpureos ou cinzentos, mas a aurora não despontou. Nos angulos da nossa prisão se agachavam os phantasmas obliquos do Terror. Dir-se-ia que, cingido pelas trévas, cada qual doidejava nesse campo obscuro!

Passavam e repassavam... Deslisavam rapidamente, como viajantes em manhã de nevoeiro... Bailando, saltando, subindo, descendo, deslocando-se, fazendo mil contorsões, cada qual mais subtil, fingiam os raios da lua, coando-se através da folhagem do arvoredos... Na cadencia dos seus passos cerimo-

niosos, com tregeitos e esgares, vinham chegando ao mesmo ponto de reunião.

Com esgares e gestos funambulescos, vimol-os quaes sombras impalpaveis, dando-se as mãos!... Gyrando, gyrando, em grande ronda phantastica, dansaram todos elles uma sarabanda... Os passos de dansa desses arlequins do diabo tão floreados eram, tão caprichosos, que semelhavam os arabescos impressos pelo vento na areia.

Com piruetas de automatos, dansavam agilmente os espectros. Soprando nas flautas do medo atordoavam-nos mais e mais, ao celebrar aquella horrenda mascarada... Cantavam ruidosamente, longamente cantavam, porque o faziam para despertar os mortos...

“Oh! Oh! — bradavam elles — o mundo é vasto, mas os homens coxeiam, sob grilhões. Se o jogo dos

dados, uma vez por outra, é um recreio gentil, nunca espere ganhar quem se aparceira com o Peccado, no mysterio do seu lupanar” †

Esses ridiculos seres, que com tanta alegria pinoteavam, não eram de modo algum formas aereas. Para nós, que tinhamos a existencia acorrentada, e cujos pés não podiam caminhar em liberdade, ah! pelas chagas de Christo! eram vivos e bem vivos, e de horrendo aspecto!...

Rodando... rodando... valsavam e redemoi-nhavam... Alguns, cheios de affectação, gyravam aos pares... Outros, com a seriedade pretenciosa dos seus passos, galgavam as escadas. E todos elles, com finos sarcasmos e carinhosas olhadellas, chegavam a immiscuir-se nas nossas preces...

O vento da madrugada começou a gemer, mas a noite seguia o seu curso... Lenta... lentamente, fio

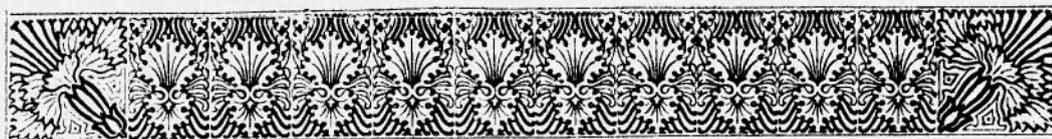
a fio, uma a uma, até a ultima, as trevas urdiram todas as malhas do manto colossal... Enquanto oravamos, temiamos a justiça do sol!...

O vento gemedor veio errar em torno do presídio, até que, tal qual uma roda de aço a gyrar, sentimos os minutos penetrando-nos o ser. O' vento gemedor, qual foi o nosso crime, para termos tal carcereiro?

Assim como se veem as cousas mais horrorosas, através do crystal de um sonho, vimos a corda de canhamo pendente do pelourinho... E ouvimos o começo da prece, que o laço do carrasco abafou, num grande clamor...

A dor, abalando o condemnado, foi tão grande que o fez soltar aquelle angustiosissimo grito. Ah! ninguem lhe conheceu tão bem, como eu, o remorso

despedaçador e os suores de sangue. Porque todo
aquelle, que vive mais de uma vida, tambem deve
morrer mais de uma morte.



IV

No dia em que se executa um réo, não se diz missa no presídio. O sacerdote tem o coração enfermo, o rosto livido e, em seus olhos, vê-se escripto o que ninguém deve ler...

Por esse motivo ficámos encarcerados até quasi meio-dia. Quando o sino bateu, vieram os chaveiros abrir os cubiculos, um por um, fazendo retinir as grandes e pesadas chaves. Antes de abrir, espiavam pelo orificio da fechadura... Então, cada qual sahiu

do inferno em que jazia sósinho, e todos descemos pesadamente as escadas de ferro...

Fóra das masmorras, no pateo, respirávamos o bom e puro ar do Senhor. Não era, todavia, como costumávamos fazer nos demais dias... O rosto de um estava branco de medo; sombrio era o de outro... E eu nunca vi homens tristes contemplar tão intensamente a luz do dia!...

Nunca vi homens tristes, com tão intenso olhar, fitando assim a pequena tenda azul, que os prisioneiros chamam céu, e cada nuvem que no alto passava, indiferente na sua venturosa liberdade.

Alguns passavam cabisbaixos. Esses sabiam que, se cada qual soffresse a pena merecida, também elles deveriam morrer... O outro assassinara uma coisa viva, ao passo que elles haviam assassinado uma coisa morta...



A sombra dos varões de ferro, enxadrezados, projectou-se, enfim, na parede caiada, fronteira ao meu grabato. Ah! nesse momento eu soube que, em certo lugar do universo, a aurora do Senhor, em vez de loura e rosada, é côr de sangue e terrível.

A's seis horas da manhã varremos os nossos cubiculos. A's sete, tudo repousava em socego. Mas um sopro fremente de poderoso vôo parecia agitar a prisão, como se um passaro colossal tatalasse invisivelmente as grandes azas... E' que a deusa sinistra da morte, de halito glacial, nelle havia penetrado para matar!...

O desgraçado passou... Não vestia purpura deslumbrante nem cavalgava um ginete, alvo como o luar... Tres metros de corda e um nó corredio — eis tudo quanto exige a força.

Estavamos como alguém que, atascado num paul, caminhasse a esmo, tacteando a sordida escuridão. Não ousavamos balbuciar sequer uma prece, nem dar livre curso á nossa angustia. Alguma cousa jazia dentro de nós. Era a esperança.

A justiça humana segue direito seu caminho, sem d'elle se desviar uma unica pollegada... Ella tanto fere o forte, como o fraco... Sua marcha é implacavel... Com o seu calcanhar de ferro, a monstruosa parricida esmaga o forte!...

Esperavamos que soassem oito horas. Tinhamos a lingua espessa e resequida. O bater das oito era o golpe do destino, que torna maldito um homem. E o destino emprega um nó bem corredio, tanto para o melhor como para o peor dos homens.

Nada mais tinhamos a fazer, que esperar pelo signal annunciado. Semelhantes a rochedos fincados

num valle deserto, alli estavamos quedos e mudos. Mas o nosso coração batia precipite, como um doido rufando um tambor.

De subito, o relógio da prisão abalou o ar frememente... De todo o presidio elevou-se, então, unisono gemido de impotente desespero, tal o grito que se escutasse, soltado por algum leproso no seu antro.

Quem pecca pela segunda vez, desperta uma alma já morta para a dor, e arranca-lhe o sudario manchado, fazendo-a verter — mas em vão! — densas gottas de sangue.

Como somnambulos, caminhando inconscientemente, automaticamente, passeavamos na ponta dos pés, em volta do pateo acimentado. Caminhavamos silenciosos, em grande roda, e ninguem proferia uma palavra.

Rodcavamos o pateo, em silencio. Em cada cerebro vasio turbilhonava a memoria das cousas horrendas, como um vento forte redemoinhando no ar... O pavor surgia em nossa frente, e sentiamos o terror colleando por traz de nós.

Os carcereiros pavoneavam-se, aqui e alli, guardando o seu rebanho de fêras. Garbosos, ostentavam o fardamento novo dos domingos. Mas, pela cal viva grudada á sola das suas botas, bem sabiamos a que cerimonia haviam assistido.

No lugar em que fôra aberta a cova, já nada mais se via. Denunciava-a, apenas, um monticulo de terra e areia, junto ao horrendo muro da prisão, e um pouco de cal viva, para que o reprobado tivesse um sudario.

Aquelle desventurado tem uma mortalha, como bem pouca gente pôde desejar. Lá em baixo, no

BALLADA * DO * ENFORCADO
ORIGINAL * INGLIZ * DE * OS-
CAR * WILDE * TRADYCCÃO
DE * ELYSIO * DE * CARVALHO

EDICÇÃO DO BRASIL MO-
DERNO * RIO DE JANEIRO
MDCCCXCIX * * * * *



of important organs
of the press no gran-
dence "A Republic"

Office
Chautau

Ms. 17-8-99.

3,3,14

BALLADA:DO:ENFORCADO
ORIGINAL : INGLEZ : DE : OS-
CAR : WILDE : TRADVCCÃO
DE:ELYSIO:DE:CARVALHO▷

EDICÇÃO DO «BRASIL MO-
DERNO» RIO DE JANEIRO
MDCCCXCIX * * * * *



DESTA EDIÇÃO
FEZ-SE UMA TIRAGEM ESPECIAL
DE VINTE EXEMPLARES

ASSIM NUMERADOS:

NUMERO I, EM PERGAMINHO; NUMERO II, EM
HOLLANDA VAN-GELDER; NUMERO III, EM
JAPAO IMPERIAL; NUMERO IV, EM
CHINA; NUMEROS V A XX, EM
WHATMAN.

DO TRADVCTOR

AO

LEITOR

Creemos desnecessario falar-se mais uma vez da historia dolorosissima, a tragedia horrivel de Oscar Wilde, o grande poeta inglez, moço, fidalgo, rico, distincto, elegante, que a fingida *pruderie* britannica sepultou numa enxovia immunda, depois de um processo escandaloso, que repercutiu no mundo inteiro. Lembra-se todos, principalmente os que se occupam de cousas referentes ás lettras e ás artes.

Mesmo no horror do carcere, onde soffreu, entre outros, o barbaro supplicio da roda, e desfiou cordas alcatroadas, e exerceu o officio de cavouqueiro, quebrando as unhas, ensang.ientando as suas finas mãos patricias, o genial poeta escreveu! E compoz esta ballada :



THE BALLAD
OF
READING GAOL

BY

C. 3. 3.

MDCCCXCVI



como reza o frontespício da edição ingleza. Oscar Wilde não era mais um homem, uma pessoa : tornou-se uma cousa, um simples numero — o C. 3. 3.

Escrepta em admiraveis estrophes de seis versos, noni e octosyllabos, alternados, rimando apenas os segundos, quartos e sextos, traduziu-a, ou, antes, transcreveu-a para o francez, o escriptor Henry-D. Davray, collaborador da revista *Mercur de France*, que a editou. A traducção é em prosa, verso por verso, palavra por palavra, o mais litteralmente possivel.

Para o nosso trabalho, servimo-nos de ambos — original e transcripção — fazendo-o, todavia, com a maxima liberdade permittida. Si nos cingissemos exclusivamente ao original, si o traduzissemos ao pé da lettra, a maior parte da ballada sería incomprehendida por quem não conhecer bem o systema penitenciario e certos usos e costumes tradicionaes da velha Albion.

Fomos até forçados a supprimir estrophes, que são, para nós, absolutamente nonsenses.

Quem confrontar o assombroso poema de Oscar Wilde, com este modesto e despretencioso trabalho, verá que respeitámos sempre o pensamento do poeta, e não desprezámos uma só das muitissimas bellezas, nenhuma das innumeras imagens — as mais das vezes symbolicas — dessa obra incomparavel, "*ce terrifiant poème, qui aura désormais sa place à côté de la MAISON DES MORTS. de Dostoiewsky,*" como diz o illustre e competente critico Robert Scheffer.

O titulo que adoptámos, differe do escolhido pelo autor. E' que não poderíamos ouvir ler-se *Ballada da Prisão de "Réadíngui"*, além de que — parece-nos — o nosso é mais expressivo, mais vibrante, e, quiçá, mais apropriado.

E. DE C.

IN MEMORIAM

C. T. W.

ex-soldado da Cavallaria da Guarda Real, executado na
Real Prisão de Reading, em Berkshire,
a 7 de julho de 1896.

O. W.

BALLADA DO ENFORCADO

I

ELLE não trajava mais o seu bello uniforme vermelho, porque o sangue e o vinho tambem são vermelhos... E sangue e vinho lhe tingiam as mãos, quando o encontraram junto da Morta, a pobre Mulher morta, sua Amante, que elle assassinára no proprio leito.

Vestido com uma roupa cinzenta, velha, muito velha, já no fio, e tendo á cabeça um gorro de jogar *cricket*, caminhava entre outros Detentos. O seu andar parecia ligeiro e satisfeito. No emtanto, nunca vi pessoa alguma

olhar tão intensamente para a luz do Dia, como elle olhava.

Nunca, nunca vi pessoa alguma contemplar com tão intenso olhar essa pequena Tenda Azul, que os Prisioneiros chamam Céu, e cada nuvem que além vogava, semelhante a uma formosa barquinha de velas de prata desfraldadas.

Eu o via, do páteo contiguo, onde me achava com outros Desventurados. Estava a imaginar que crime teria commettido esse Infeliz, quando uma voz, por traz de mim, murmurou baixinho : “ *Aquelle vai ser enforcado!* ”

Que horror, Santo Deus !... As paredes da prisão estremeceram de subito, a meus olhos, e o Firmamento tornou-se qual igneo capacete de aço... E, comquanto

minh'Alma estivesse immersa em profundo Pezar, tal foi a minha Angustia, que, naquelle instante, ella nada sentiu.

Compreendi, então, que negro Pensamento incessantemente o perseguia, fazendo-o apressar o passo, e porque era que elle contemplava com olhar tão intenso a fastidiosa claridade do Dia : o Desgraçado assassinára a Mulher amada, e, por isso, devia de morrer tambem !

*

No emtanto, todo o mundo mata o que ama...
Alguns (Que ninguem deixe de sabel-o !...) o fazem com

um olhar de odio ; outros, por meio de palavras carinhosas ; o covarde, com beijos ; o homem corajoso, empunhando uma arma !...

Uns, matam o Amor, quando são moços ; outros, depois de velhos ; varios o estrangulam com as mãos do Desejo ; muitos, com as do Ouro. Os melhores servem-se de um punhal, pois os Mortos esfriam depressa.

Ha quem ame muito, e ha quem ame pouco. Este vende o Amor ; est'outro o compra. Aquelle, ao praticar o Mal, derrama copioso pranto ; aquell'outro fal-o, sem soltar sequer um suspiro de compaixão... E todo o mundo mata o que ama, sem que, todavia, ninguem tenha de morrer por isso !...

Quem assim procede, não morre de morte infamante, em dia de negra Desventura ; não tem o nó corredio em volta do pescoço ; não põe ao rosto ã'a mascara ; nem sente, atravéz do tablado do Patibulo, os pés precipitarem-se no vácuo.

Não permanece no meio de homens silenciosos, que o vigiam noite e dia ; que o vigiam, quando tem vontade de chorar, ou quando tenta rezar ; que incessantemente o vigiam, receiosos que pretenda roubar ao Cadafalso a sua Prêza.

Não desperta, pela madrugada, com o rumor que fazem, ao entrar no seu cubiculo, homens de sinistra catadura : o Capellão, de branco, todo tremulo ; o Sheriffe,

austero e cheio de compuncção ; e o Governador do Presidio, de preto e ceremonioso, lívido, com cara de condemnado.

Não se levanta da cama, com tal rapidez que faz pena, para tornar a vestir o uniforme dos Galés, enquanto o medico do Estabelecimento, sem deixar de fital-o attentamente, toma nota de cada um dos seus gestos e contracções nervosas, olhando de vez em vez para o relógio, cujos fracos tic-tacs soam como surdas pancadas de um martello horrivel...

Não soffre a angustiosissima sêde, que sécca a garganta do Condemnado, ao approximar-se a hora em que o Carrasco, calçado de grossas luvas de couro, virá

maniatal-o com tres corrêas finas e compridas, afim de que jamais sinta sêde !...

Não inclina a cabeça, para ouvir a Litanía do Officio dos Mortos. E, enquanto o Terror de su'Alma lhe assegura que não está morto, não cruza com o seu proprio esquife, ao entrar no horroroso local do Supplicio...

Não lança o ultimo olhar para o Céu, que apenas percebe atravez de pequenina claraboia ; não implora a Deus, com labios de argila, para que sua Agonia passe ; e não sente na face gélida o beijo de Caiphaz...



II

VESTIDO com uma roupa cinzenta, velha, muito velha, já no fio, e tendo á cabeça um gorro de jogar *cricket*, durante seis semanas o Infeliz passeiou no páteo da Prisão, com um andar ligeiro e satisfeito. . . No entanto, nunca vi pessoa alguma olhar tão intensamente para a luz do Dia, como elle olhava !

Nunca, nunca vi pessoa alguma contemplar com tão intenso olhar essa pequena Tenda Azul, que os Prisioneiros

chamam Céu, e cada nuvem que passava errante, arrastando a flava cabelleira crinisparsa.

Elle não torcia as mãos, como fazem esses Insensatos, que ousam tentar reviver a Esperança, no antro do negro Desespero. Limitava-se a olhar para o Sol, e haurir o ar da manhã.

Não torcia as mãos; não chorava; nem mesmo se lamentava. Apenas bebia o ar, como si nelle encontrasse alguma virtude anodyna. Bebia o Sol, a longos haustos, como si o Sol fosse vinho.

Eu, e os meus Companheiros de Infortunio, que passeávamos no pátio contiguo, chegavamos a olvidar nossas proprias Miserias, e os crimes de que eramos culpados,

para observarmos, com olhares de estúpido pasmo, o Homem que ia morrer.

Como era extranho vel-o passeiar, com um andar ligeiro e satisfeito ! vel-o contemplar tão intensamente a luz do Dia ! e, ao mesmo tempo, pensar-se que tinha tamanha divida a pagar !...

*

O carvalho e o olmo são arvores de verdolente e espessa ramagem, que brota pela Primavera... E' horrivel, porém, ver-se a Arvore da Forca, com as raizes roidas por animaes damninhos !...

Não ha quem não ambicione subir... subir... até occupar posição saliente, alto logar na Sociedade... Para

esse fim, convergem todos os esforços humanos... Qual esse, porém, que quererá achar-se no alto de um Cadafalso, e, dahi, contemplar pela derradeira vez o Firmamento?!...

E' deliciosamente agradavel dansar-se ao som de violinos, flautas e alaúdes, quando o Amor e a Vida nos são propicios... Ah! mas é horrivel dansar-se no Espaço, pendurado pelo pescoço!...

...Emquanto nos accudiam taes Pensamentos, observavamos o Misero, e faziamos extravagantes supposições. Quem nos diz que o nosso fim não será identico ao delle? Ninguem sabe até que Inferno de Horrores su'Alma céga póde transviar-se...

*

O Homem que ia morrer deixou finalmente de passeiar em companhia dos outros Miseraveis... Disseram-nos que já se achava no acanhado e lobrego cubiculo, para onde transferem os Condemnados á Morte, antes do Momento Fatal... E eu soube que nunca mais tornaria a vel-o, neste doce Mundo do Senhor !... Nunca... nunca mais !...

... Como dois navios em perigo, que passam na Tormenta, assim, nós nos cruzámos no Mar da Vida... Não fizemos, porém, signal algum ; não trocámos a menor palavra... Nem mesmo nada tínhamos a dizer-nos, porque não nos havíamos encontrado na Noite Santa, e sim num Dia de Vergonha...

Ambos estávamos cercados pelos muros de uma prisão, e ambos éramos dois Desherdados da Sorte... O Mundo repellira-nos de seu seio, e Deus de Sua Sollicitude... O laço que se arma para apanhar o Peccado, colhêra-nos em suas malhas...



III

III

⓪ páteo da antiga Prisão por Dividas está com o calçamento completamente estragado. Os muros, que o cercam, são altísimos, e tão húmidos, tão húmidos, que chegam a estillar agua... Era ahi, sob um céo cálido, respirando uma atmospherá empestuada, que elle tomava fresco, tendo sempre um guarda, de cada lado, porque temiam que viesse a succumbir.

A's vezes, costumava sentar-se entre aquelles que lhe vigiavam a Agonia; que o vigiavam, quando se levantava

para chorar, ou quando se ajoelhava para rezar; que o vigiavam a todo o momento, receiando que roubasse ao Patibulo a sua Prêza...

Duas vezes por dia, fumava no seu cachimbo, e bebia um caneco de cerveja... Su'Alma estava tão cheia de resolução e firmeza, que, em nenhum dos seus intimos recessos, abrigava o Medo... Em certas occasiões, elle chegava mesmo a dizer que se sentia contente por ver proximas as mãos do Carrasco.

Não obstante referir-se a cousas tão extranhas, os guardas não ousavam interrogal-o... Quem tem por missão vigiar Encarcerados, deve de fechar a bocca a sete chaves, e afivelar ao rosto a mascara da Impassibilidade.

Si assim não fizer, poderá, por ventura, commover-se, e tentar consolar o Prisioneiro que lhe confiarem... Nesse caso, que viria fazer a Piedade Humana, no Covil dos Assassinos ? !... Que palavra de Esperança poderia soccorrer, em tal logar, a Alma de um Irmão ? !...

*

Realisámos a Procissão dos Loucos, rodeando o páteo, em marcha lenta e cadenciada... Não nos importava celebrar essa ridícula cerimonia tradicional, pois bem sabiamos que eramos a propria Brigada do Diabo ; e que homens de cabeça raspada e pés acorrentados constitúem alegre Mascarada.

Quebrando as unhas e ensanguentando os dedos, desfiavamos cordas alcatroadas ; esfregavamos as portas das masmorras; limpavamos os tectos ; areiavamos os luzentes varões ; e, por turmas, ensaboavamos os assoalhos, fazendo grande ruído com os baldes d'agua.

Tambem cosiamos saccos ; quebravamos pedra ; batiâmos no chão com as gamellas em que comiamos ; desentoavamos os Hymnos Religiosos ; e suavamos, fazendo mover a roda do moinho... Alegrementemente executavamos todos esses barbaros e pesados serviços, a que eramos obrigados, para ver si adormeciamos o Terror, tranquillamente, dentro do Coração.

E conseguimol-o, por momentos. Tão calmo repousava elle, que os dias deslisavam serenos, como uma balsa levada ao sabor da corrente... Estavamos já como que olvidados do tenebroso Destino que aguarda os Réprobos, quando, de uma feita, ao regressarmos de fatigante trabalho, passámos junto a uma cova recém-aberta.

Com a guela hyante, ameaçadoramente escancarada, aquelle buraco amarello abria a bocca, á espera de alimento... A propria lama reclamava sangue ao páteo de asphalto arruinado !... E soubemos que, antes de surgir a loura Aurora, um de nós balançar-se-ia no Espaço, pendente da Forca.

Hirtos e solennes, entrámos, com a Alma attenta á Morte, ao Espanto e ao Destino. O Carrasco passou, arrastando os pés, carregando o seu sacco de ferramentas... Cada Preso tremia, ao entrar para o seu Tumulo numerado...

*

Por toda aquella noite, os Phantasmas do Medo povoaram os corredores vasilios... Na Cidade de Ferro, de cima a baixo, sentiam-se passos furtivos, que, porém, se não podiam ouvir... Pelas grades de ferro, que occultam as Estrellas, rostos lívidos pareciam espiar curiosamente...

Elle era o unico que repousava, tal alguém que adormecesse, deitado sobre a macia relva de um prado, e

sonhasse alegremente... Os guardas velavam-lhe o somno ; e não comprehendiam como se póde dormir tão socegado, quando se está tão perto do Carrasco.

Os que choram por quem jamais soube o que era chorar, esses, sim, não pódem conciliar o somno !... Por isso, nós outros, os Desventurados, passámos em claro aquella noite d'infindavel Angustia... Cada qual soffria mais cruciantemente, ao recordar a Dôr immensa que devia de estar a tortural-o...

*

Ah ! é horrivel padecer-se por outrem !... O Soffrimento enterra-nos n'Alma, até o punho, toda a lamina

envenenada do seu gládio... Foram como chumbo derretido, as lagrymas que carpimos, pelo sangue que não derramámos.

Os guardas, calçando sapatos de feltro sem salto, para não serem presentidos, rondavam, espiando para dentro das enxovias, pelos postigos gradeados... Com olhar de espanto e pavor, avistavam aquellas Fórmias indecisas, genuflexas no chão... E interrogavam-se uns aos outros, como era que oravamos por quem jamais orára !...

Passámos a noite inteira, ajoelhados, em oração — Dementes conduzindo o luto de um cadaver ! — sentindo as extranhas e penosas sensações de quem vela o

corpo d'algum Ente querido. E o sabor do Remorso era tal o de um vinho azedo, dado a beber numa esponja...

*

A Noite proseguia lentamente o seu curso, mas a Aurora parecia nunca mais querer surgir !... Os medonhos Phantasmas do Terror arremessavam-se, unidos, aos cantos dos carceres, onde jazíamos. Dir-se-ia que, rodeados pelas Trevas que os envolviam, vinham zombar de nós, provocar-nos, até em nossa frente!...

Passavam e repassavam... Deslisavam rapidamente, como transeúntes em manhã de nevoeiro... Bailando, saltando, subindo, descendo, deslocando-se, fazendo mil contorsões, cada qual mais subtil, fingiam os raios da

Lua, coando-se a través da folhagem do arvoredó... Caminhando com passos ceremoniosos, e cheios de tregeitos e esgares, vinham chegando para o ponto de reunião.

Fazendo caretas e gestos funambulescos, vimol-os passar, quaes Sombras impalpaveis, dando-se as mãos... Gyrando, gyrando, em grande ronda phantastica, dansaram uma sarabanda... Os passos de dansa desses Arlequins do Diabo tão floreados eram, tão caprichosamente feitos, que faziam lembrar os arabescos impressos pelo Vento na areia.

Com piruetas de *marionettes*, dansavam agilmente nas pontas dos pés. Soprando nas flautas do Medo, atordoavam-nos os ouvidos, ao celebrarem aquella horrenda

Mascarada... Cantavam ruidosamente, longamente cantavam, porque cantavam para despertar os Mortos...

*

Esses ridiculos Sêres, que com tanta alegria canceavam, não eram, de modo algum, Fórmias aéreas... Para nós, que tínhamos a Existencia acorrentada, e cujos pés não podiam caminhar em liberdade, ah ! pelas Chagas de Christo ! eram vivos e bem vivos, e de horrendo aspecto !...

Rodando... rodando... walsavam e redomoinhavam... Alguns, cheios de affectação, gyravam dois a dois, aos pares... Outros, com passos pretenciosamente sérios,

galgavam as escadas... E todos elles, com finos sarcasmos e carinhosas olhadellas, chegavam a immiscuir-se nas nossas preces...

*

O Vento da madrugada principiou a gemer, mas a Noite seguia o seu curso... Lenta... lentamente, fio a fio, uma a uma, até a ultima, as Trevas terminaram todas as malhas do manto colossal que tecem nocturnamente... Enquanto oravamos, temiamos a Justiça do Sol !...

O Vento gemebundo veiu errar em torno do Presidio, até que, talqualmente uma roda de aço, que gyrasse, sentimos os minutos penetrando dentro de nós... O' Vento

gemedor ! que crime commetemos, para termos tal Carcereiro ? !...

A sombra dos varões de ferro, em fôrma de xadrez, projectou-se, emfim ! na parede caiada, fronteira ao meu grabato de táboas !... Ah ! nesse momento, eu soube que, em certo logar do Universo, a Aurora do Senhor, em vez de loura e rosada, é horrorosa e côr de sangue !..,

*

A's seis horas da manhã varrêmos os nossos cubiculos. A's sete, tudo repousava em socego. Mas um sôpro fremente de poderoso vôo, parecia agitar a Prisão, como si um passaro collossal, tatalasse invisivelmente as

grandes azas... E' que a Deusa sinistra da Morte, de halito glacial, nelle havia penetrado para matar !...

O Desgraçado passou... Não vestia trajés de purpura deslumbrante, nem cavalgava um ginete, alvo como o luar... Tres metros de corda e um nó corredío — eis tudo quanto necessita o Patibulo... Por isso, com a corda do Opprobrio, o Arauto veiu executar a sua nefanda Missão secreta.

*

Estavamos como alguém que, chafurdado em lodoso paul, caminhasse, ás apalpadelas, tacteando na escuridão... Não ousavamos balbuciar siquer uma prece, nem dar livre

L

curso á nossa Angustia. Alguma cousa jazia morta dentro de nós... E essa cousa morta, era a Esperança !...

A Justiça Humana segue direito o seu caminho, sem d'elle se desviar uma unica pollegada... Ella tanto fere o Forte, como o Fraco... Sua marcha é implacavel... Com calcanhar de ferro, a monstruosa parricida esmaga o Forte !...

*

Esperavamos que soassem oito horas. Tinhamos a lingua pegagenta e grossa. A pancada das oito, era a pancada do Destino, que torna um homem maldito. E o Destino emprega um nó bem corredio, tanto para o melhor, como para o peor dos Homens.

Nada mais tínhamos a fazer, que esperar pelo signal annunciado. Semelhantes a rochedos fincados num valle deserto, conservavamo-nos quêdos e mudos. Mas, cada Coração, batia precípitate, como um Doido rufando um tambor...

*

De subito, o relógio da Prisão abalou o ar fremente... De todo o Presidio elevou-se, então, unísono gemido d'impotente Desespero, tal o grito que se escutasse, soltado por algum leproso no seu antro.

Assim como se vêem as cousas mais horrorosas, através do crystal dum Sonho, vimos a corda de cânamo pendente do Pelourinho... E ouvimos o começo de prece, que o laço do Carrasco abafou, num grande clamor...

A Dôr, que abalou o Condemnado, foi tão grande, tão grande, que o fez soltar aquelle angustiosissimo grito... Ah ! ninguem conheceu tão bem, como eu, o seu despedaçador Remorso e os seus suores de sangue !... Porque, aquelle que vive mais de uma vida, tambem deve de morrer mais de uma morte !...



IV

IV

NO dia em que se executa um Réo, não se diz Missa no Presídio. O Sacerdote tem o coração bastante enfermo ; o rosto, lívido ; e, em seus olhos, vê-se escripto o que ninguem deve de ler...

Por esse motivo, ficámos fechados até quasi meio-dia. Quando o sino bateu, os chaveiros vieram abrir os cubiculos, um por um, fazendo retinir as grandes e pesadas chaves. Antes de abrir, espiavam pelo buraco da fechadura... Então, cada qual sahio do Inferno em que

jazia sosinho, e todos descemos pesadamente as escadas de ferro...

Fóra das masmorras, no páteo, respirámos o bom e puro ar do Senhor. Não era, todavia, como costumavamos fazer nos demais dias... O rosto deste, estava branco de medo; o daquelle, mostrava-se sombrío... E eu nunca vi homens tristes contemplar tão intensamente a luz do Dia!...

Nunca, nunca vi homens tristes contemplar com tão intenso olhar essa Tenda Azul, que nós, os Prisioneiros, chamamos Céu, e cada nuvem, que no Alto passava, em venturosa liberdade.

Alguns, dentre nós, caminhavam de cabeça baixa...
Esses sabiam que, si cada um soffresse a justa pena que
merece, elles deviam de morrer... O Outro assassinára
uma cousa viva, ao passo que elles haviam assassinado
uma cousa morta...

Aquelle que pecca pela segunda vez, desperta uma
Alma morta para a Dôr, e tira-a do seu sudario manchado,
fazendo-a, mas em vão ! derramar novamente grossas
gottas de sangue !

*

Como somnambulos, caminhando inconscientemente,
authomaticamente, passeiavamos nas pontas dos pés, em
volta do páteo acimentado. Caminhavamos silenciosos,

em grande roda, sem ninguem pronunciar a mais insignificante palavra.

Rodeavamos o páteo, em silencio. Em cada cerebrovasio, turbilhonava a Memoria das Cousas Horrendas, como um vento forte redomoinhando no ar... O Pavor surgia em nossa frente, e sentiamos o Terror colleando por traz de nós.

*

Os carcereiros pavoneavam-se, aqui e ali, guardando o seu rebanho de Feras. Garbosos, ostentavam o fardamento novo dos domingos. Mas, pela cal viva grudada á sola das suas botas, bem sabiamos a que cerimonia haviam assistido.

No lugar em que a cova fôra aberta, já nada mais se via. Denunciava-a, apenas, um monticulo de terra e areia, junto ao horrendo muro da Prisão, e um pouco de cal viva, afim de que o Réprobo tivesse um sudario...

Aquelle Desventurado tem uma mortalha, como bem pouca gente pôde desejar. Lá em baixo, bem no fundo do páteo de um Presídio, elle jaz, nú, completamente nú, para sua maior vergonha, envolto num lençol de chamas.

Pelo tempo adiante, a cal devorar-lhe-á a carne e os ossos. Durante a noite, roerá os ossos rijos; e, de dia, a carne terra. A cal viva come successivamente carne e ossos. Mas, tambem, devora sem cessar o Coração.

Durante tres longos annos, não se semeará, nem se plantará, naquelle sitio. Durante tres longos annos, o logar maldito conservar-se-á estéril e limpo, fitando o Céu, pasmo, com um olhar sem reproche.

Os homens cuidam que o Coração do assassino corrompe qualquer semente, que sobre elle se plantar. Mas, não é exacto. A benemerita Terra de Deus é mais generosa do que se pensa. Ali, naquelle terreno, a rosa vermelha, mais vermelha ainda desabrocharia, e a rosa branca, mais branca, mais immaculada.

De sua bocca nasceria, talvez, uma rosa encarnada, rubra, purpurea. De seu Coração, outra brotaria, branca, alvissima de neve. Quem poderá dizer de que maneira

extranha Nosso Senhor Jesus-Christo manifesta Sua Santa Vontade, depois que se viu o cajado secco de humilde Peregrino florescer á vista dum grande Papa?!...

*

Mas, nem a rosa alvissima de leite, nem a rosa escarlata, pódem florir, respirando o ar duma masmorra. Ali, só póde haver seixos e pedras... Os Homens da Lei sabem que, muitas vezes, as flores têm acalmado o Desespero de um homem de coração simples...

Por isso, nunca, jamais, nem a rosa côr de vinho, nem a rosa côr de leite, cahirão despetaladas sobre esse pedaço de terra e areia, junto ao muro do Presídio.

para dizer ás pessoas, que passarem pelo páteo, que o Filho de Deus morreu por todos nós.

*

Não obstante—mesmo morto e enterrado—elle continuar ainda, como outrora, cercado pelos pavorosos muros da Prisão, e que ninguém venha chorar, ou rezar, por quem jaz em terreno tão ímpio :

o Miseravel repousa em paz, ou em breve repousará. Nada ha ali que possa amedrontal-o. O Terror não passeia de dia, por aquelle sitio, pois a Terra, sem claridade, em que elle descansa, não tem Sòl, nem Lua.

Elles o enforcaram, como se enforca um animal ! Nem sequer mandaram dobrar o sino, lugubrememente, de modo a dar algum socego á sua Alma aterrada !... Levaram-no precipitadamente, e trataram logo de occultal-o dentro dum buraco.

Despiram-lhe toda a roupa, e o abandonaram ás moscas ! Caçoaram da sua garganta entumecida e arroxeada, e dos seus olhos puros e fixos. Com grandes gargalhadas o envolveram no lençol com que costumam amortilhar os condemnados.

O Capellão não se ajoelhou á beira desse tumulto infamado. Tambem não o assignalaram com a Bemdita Cruz que Jesus-Christo deu aos Peccadores, justamente

porque o Morto era um daquelles, para cuja salvação
Nosso Senhor baixou á Terra.

Tudo está perfeitamente bem. Elle transpoz as
fronteiras conhecidas da Vida. Por elle, lagrymas de ex-
tranhos encherão a Urna da Piedade, ha muito que-
brada... Ah! porque serão os Réprobos que hão de
choral-o, e os Réprobos nunca deixam de chorar !...



V

V

IGNORO si a Lei tem, ou não, razão. A unica cousa que nós, os Condemnados, sabemos, é que os muros da Prisão são sólidos; e que, cada dia que se passa, é como si fosse um anno, mas um anno de longos dias infindaveis.

Eu, porém, sei mais o seguinte : Todas as leis que os homens têm feito, desde o dia em que o primeiro dentre elles tirou a vida a seu irmão, e que o Mundo da Afflicção começou, todas ellas desperdiçam o que é bom, e só conservam o que não presta.

Sei ainda (Ah ! como sería bom si todos pudessem tambem sabel-o !) que, cada Prisão que se edifica, é construida com os tijolos da Infamia, e cercada de ferreos varões, com receio que Jesus-Christo veja como os homens mutilam seus proprios irmãos.

Por meio de grades, elles desfiguram a Lua graciosa, e cegam o bom Sol. E fazem muito bem em occultar o seu Inferno, pois, lá dentro, occorrem cousas que não deveriam de ser vistas, nem pelo Filho de Deus, nem pelos filhos dos homens.

*

As acções mais vis, á semelhança de hervas venenosas, espalham-se pelo ambiente da Prisão. Só o que o

Homem tem de bom, é que ali se esgota, se aniquilla. A pallida Angustia vela á porta. O carcereiro é o Desespero.

Porque elles amedrontam as crianças, fazem-n'as soffrer fome, até que chorem noite e dia. Flagellam o Fraco ; açoutam o Idiota ; zombam dos Velhos cobertos de cãs. Alguns enlouquecem ; todos se tornam peiores ; e ninguem póde murmurar siquer.

Cada estreito e escuro cubiculo, que habitamos, é infecta e lobrega sentina. O hálito fétido da Morte viva empesteia o respiradouro. Ali, tudo, excepto o Desejo, reduz-se a pó, na Machina Humana.

A agua salobra, que bebemos, vem cheia de nauseabundo limo ; o pão, que pesam com meticoloso cuidado, é

misturado com cal e gesso. Ali, o Somno nunca se deita :
caminha com olhos esbugalhados, implorando o Tempo.

*

Apezar de se ver, constantemente, o magro Espectro da Fome e o livido Phantasma da Sêde, pouco caso se liga ao tratamento que dão no Presídio. O que gela e mata inteiramente, é que, cada pedra que levantamos durante o dia, á noite se transforma no nosso proprio Coração.

Com as sombras da Meia-Noite pairando eternamente no Coração, e o crepusculo no cubiculo, cada qual, no seu Inferno separado, desfia a corda alcatroada, que lhe dão por tarefa, e faz gyrar a roda... Então, o Silencio ame-dronta mais que o som dos sinos de bronze !...

Jamais voz humana alguma de nós se approxima, para nos consolar com doces palavras. O olhar, que a todos os instantes espia pelo ralo, é impiedoso e duro. Esquecidos do resto do Mundo, apodrecemos, tendo o corpo e a Alma gastos.

Aviltados e sós, enferrujamos, desse modo, a cadeia de ferro da Existencia. Alguns, proferem maldições ; outros, choram ; muitos não deixam escapar o menor gemido. Mas as Leis Eternas do Senhor são indulgentes, e partem o coração empedernido.

*

Cada Coração que se parte no páteo ou no cubiclo duma Prisão, é como aquella caixinha quebrada, que deu o

seu thesouro a Deus, e encheu a habitação do lazaro com os perfumes do nardo mais precioso.

Felizes aquelles cujos Corações podem partir-se e ganhar a paz do Perdão ! De que maneira o Homem poderia executar o seu plano, e purificar a Alma do Peccado ? Onde, sinão num Coração partido, poderia Jesus-Christo penetrar ? !...

*

O Homem de garganta entumecida e arroxçada, e de olhos puros e fixos, espera as Santas-Mãos que receberam o Bom-Ladrão no Paraiso. O Senhor não despreza o Coração partido e constricto.

Os Juizes concederam-lhe tres semanas de vida, só tres pequenas semanas, para que elle curasse a Alma do desaccôrdo em que estava comsigo mesma, e purificar da mais leve gotta de sangue a mão que empunhou a arma homicida.

Com lagrymas de sangue, elle purificou-a — a mão que manejava o ferro. Só o sangue póde apagar o sangue. Só as lagrymas pódem curar. E a mancha vermelha, que era de Caim, mudou-se no sello alvissimo de Jesus.



seu thesouro a Deus, e encheu a habitação do lazaro com os perfumes do nardo mais precioso.

Felizes aquelles cujos Corações podem partir-se e ganhar a paz do Perdão ! De que maneira o Homem poderia executar o seu plano, e purificar a Alma do Peccado ? Onde, sinão num Coração partido, poderia Jesus-Christo penetrar ? !...

*

O Homem de garganta entumecida e arroxçada, e de olhos puros e fixos, espera as Santas-Mãos que receberam o Bom-Ladrão no Paraíso. O Senhor não despreza o Coração partido e contricto.

Os Juizes concederam-lhe tres semanas de vida, só tres pequenas semanas, para que elle curasse a Alma do desaccôrdo em que estava comsigo mesma, e purificar da mais leve gotta de sangue a mão que empunhou a arma homicida.

Com lagrymas de sangue, elle purificou-a — a mão que manejára o ferro. Só o sangue póde apagar o sangue. Só as lagrymas pódem curar. E a mancha vermelha, que era de Caim, mudou-se no sello alvissimo de Jesus.



VI

VI

NO Presídio de Reading, perto da cidade, existe um tumulo infamado. Dentro d'elle jaz um miseravel, devorado pelas linguas das chammas, envolto num lençol ardente. Esse tumulo não tem inscripção alguma.

O Enforcado ahi repousará, até que Jesus-Christo chame os Mortos, no Dia do Juizo-Final. Não é preciso prodigalisar lagrymas, nem soltar suspiros abafados. O Homem matou a quem amava, e por isso teve que morrer.

No entanto, todo o mundo mata o que ama. Alguns (Que ninguém deixe de saber-o !...) o fazem com um olhar de odio ; outros, por meio de palavras carinhosas ; o covarde, com beijos ; o homem corajoso, com um ferro !

❧ FIM ❧

LXXX

ACABOV DE IMPRIMIR-SE
ESTA PLAQVETTE
AOS XV DE JVNHO DE MDCCCXCIX
NA
TYPOGRAPHIA ALDINA
XCVI — RVA DA ASSEMBLÉA — XCVI
NO
RIO DE JANEIRO